

# editorial

«Operação Produção»

N. 6/7/83

## Chegou a hora do humanitarismo

Chegou a hora de começarmos a evacuar as nossas cidades de todos os que nelas parasitam, dando assim resposta à decisão mais calorosamente aplaudida, entre as que foram anunciadas no grandioso comício de 21 de Maio, em Maputo, pelo Presidente Samora Machel. Este momento é sem dúvida o de uma acção do mais profundo humanitarismo.

Humanitarismo em primeiro lugar para os que voluntária ou coercivamente abandonam as cidades e, consequentemente, humanitarismo exigido por todo o Povo para poder resolver os problemas da fome e nudez que enfrenta.

Este humanitarismo em relação aos milhares de cidadãos que parasitam as cidades vivendo no ócio e cultivando hábitos de marginalidade é o humanitarismo mais profundo que se pode conceber: o direito de serem homens com dignidade, respeitados pela sociedade.

São milhares de cidadãos que exigirão o direito ao respeito e dignidade que agora não têm.

Muitos deixarão de ter de se entregar às mãos de redes de candongueiros, assaltantes e criminosos para poderem sobreviver; deixarão de ter de se humilhar perante a dependência em que se encontram em relação a familiares e amigos; deixarão de ter de enfrentar a incerteza do amanhã vendendo uma bugi, ganga aqui, prestando um serviço duvidoso acolá.

Humanitarismo em geral para todo o Povo e por ele exigido particularmente no 4.º Congresso, porque é desumano admitir-se e permitir-se que milhões de homens e mulheres trabalhando arduamente no campo ou na cidade, mas quotidianamente confrontados com a fome e miséria, vejam os resultados da sua produção servir para alimentar e vestir ou mesmo para satisfazer as ambições e o elitismo de um crescente número de parasitas ofuscados pela vida das cidades.

Que tudo isto é do mais profundo e amplo humanitarismo não o duvida quem não tem compromissos com a vida que estes parasitas levam nas cidades,

mas que diariamente perde o lugar no machimbombo que o deveria levar ao trabalho e que foi ocupado por um improdutivo; ou que teve de permanecer longas horas na bicha do restaurante repleto de gente que nada tem para fazer; ou ainda que saindo da fábrica ou serviço foi ao bazar ou à loja, mas já nada aí encontrou porque os que não trabalhavam tiveram tempo de ir para a bicha e levaram o que puderam para os amigos que os sustentam ou para a canga.

Há no entanto, também um estranho humanitarismo de que alguns se arvoram defensores, mas que nestas ocasiões já vem sendo hábito.

E o «humanitarismo» dos que arvorando a bandeira do legalismo ignoram (?) o imenso esforço realizado sob todos os aspectos para que esta «Operação Produção» decorra no mais pequeno pormenor à dimensão das necessidades que o Povo moçambicano tem de solucionar. Para eles um erro que eventualmente alguém de uma das estruturas envolvidas no processo cometa, assume a dimensão de toda a operação. Para eles a «Operação Produção» não é realizável, ou, quando muito, sê-lo-ia apenas daqui a muitos anos.

Os erros num processo desta dimensão inevitavelmente surgirão aqui ou em qualquer parte do mundo. Os Comandos Operativos aos vários níveis estão a tomar medidas para os detectar e prontamente corrigi-los. Mas, o erro fundamental, o da distorção económica e social entre o campo e a cidade será solucionado. E este erro fundamental não afecta durante umas horas ou mesmo dias algumas poucas dezenas de pessoas, Este erro afecta há décadas (e continuará a afectar de modo cada vez mais grave se não for solucionado) um Povo inteiro, isto é, 13 milhões de pessoas.

De facto, com este estranho «humanitarismo», com este «humanitarismo» burguês, não nos temos que preocupar porque os problemas que preocupam a mentalidade que o produz não são os problemas da fome e da nudez do Povo moçambicano.